

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*VICTORIO BHERRING CABRAL — *Superintendente Geral*MARCOS SÁ CORRÉA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

Brasil Fixação no Passado

A economia brasileira ficou mais difícil de ser administrada pelo agravamento do problema fiscal do Estado e a falta de flexibilidade dos credores na negociação da dívida externa. A proximidade da eleição presidencial e o exíguo tempo para o atual governo recuperar a credibilidade perante a sociedade tornaram o quadro ainda mais delicado.

A despeito disso e dos reflexos causados pelo insucesso do Plano Verão — em grande parte pela falta de apoio do Congresso aos cortes de pessoal e de despesas propostos pelo governo para reequilibrar o orçamento fiscal —, o ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, tem feito um esforço enorme para estabilizar a inflação, depois da explosão de preços no fim do congelamento.

A inflação subiu muito à medida que a demora na manutenção do congelamento represou custos e onerou as empresas. Mas, principalmente, pela existência de abusos, reconhecidos até mesmo por lideranças empresariais da Fiesp. Exatamente para coibir os abusos, o ministro da Fazenda acionou o Conselho Interministerial de Preços, órgão competente do governo para verificar, caso a caso, se os reajustes de preços espelham os custos de produção.

Trata-se de uma tarefa difícil a dos ministros da área econômica neste momento delicado da vida nacional. Mas os empresários, os economistas, e até mesmo as lideranças sindicais (da CUT à ala mais moderada dos representantes dos trabalhadores) contactados nas últimas semanas pelo ministro Maílson da Nóbrega são sinceros em reconhecer que está sendo feito o melhor possível na presente circunstância. Ou seja, a equipe econômica está segurando os perigos para manter um mínimo de normalidade e consumar a transição política.

Entretanto, alguns segmentos da vida nacional parecem alheios ao mundo em redor e preferem continuar a pensar apenas nos seus interesses. Contra todos os sinais de que a estabilidade inflacionária está sendo obtida — ainda que em patamares muito elevados — esses segmentos continuam manipulando o espectro da hiperinflação iminente, como se nela pudessem ser interessados.

Esse campo de intriga nada tem a ver com o

futuro do Brasil. Seu compromisso é com o nosso pior passado. Tem a ver com a manutenção de privilégios e cartórios que se sentem ameaçados pelo desejo de mudança que a sociedade brasileira já deu sinais de querer alcançar em 15 de novembro. Mais do que manobra para afastar esse ou aquele ministro, a permanente atuação na sombra, para minar a credibilidade mantida pelos ministros da área econômica, representa uma conspiração contra o Brasil, ainda que embalada sob a atraente forma de pacto social ou político.

A economia mostra realmente sinais de que está entrando no controle do governo. Os indicadores de expansão monetária já são mais confortáveis, como fruto da recuperação da arrecadação fiscal, a partir da reindexação geral da economia e a diminuição nos prazos de recolhimento de impostos e de sua permanência na rede bancária.

Ontem, por exemplo, a onda de boatos visando à derrubada dos ministros da área econômica não surtiu o efeito imaginado por seus mentores. As Bolsas de Valores subiram. Não porque, como em outras épocas, houvesse euforia com a troca do comando econômico. Mas porque os demais indicadores do mercado financeiro não mudaram de rumo: a taxa de juros do *overnight* continuou indicando uma política monetária rígida; o mercado futuro de BTN (que prevê a inflação de agosto) operou quase todo o dia nos mesmos 30,75% da véspera, fechando no fim da tarde em 30,99%, uma pequena alta; e, no mercado do dólar paralelo, a alta das cotações não chegou a acompanhar a variação do câmbio oficial, fazendo com que o ágio recuasse ainda mais, de 66,5%, para 65,6%. Aparentemente, o tiro saiu pela culatra.

Os brasileiros responsáveis têm outras preocupações nesse momento. Todos querem trabalhar duro para exorcizar o fantasma da hiperinflação e garantir a normalidade democrática. As dificuldades são muitas e o quadro econômico, sem dúvida, é desconfortável para a grande massa dos assalariados. Felizmente, essa grande maioria não se deixa levar pelos que se sentem na obrigação de fazer o Brasil não dar certo. Os que se dão ao luxo de evoluir à beira do abismo procedem como se o país fosse um grande canteiro de obras para seus exercícios de maquiavelismo.